

Masculinidade e Educação: um relato de experiência

The silence of men and education: an experience report

Ítalo Pereira Coelho¹, Clesley Maria Tavares do Nascimento²

1 <https://orcid.org/0000-0003-1107-4016>, Universidade Regional do Cariri, italo Coelho033@gmail.com, 2 <https://orcid.org/0000-0001-5531-0311>, Universidade Regional do Cariri

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo relatar como os estereótipos masculinos são vivenciados dentro do contexto educacional. Como percurso metodológico, a pesquisa constituiu-se por meio de um estudo qualitativo, através de um Relato de uma Experiência Pedagógica, na disciplina Tópicos do Ensino I: Educação Holística, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Regional do Cariri (URCA). O trabalho fundamenta-se em autores como Hooks (2021), Gadotti (2011), Sousa, Godoi (2020) e Neres (2018). A disciplina foi ofertada de maneira optativa no segundo semestre de 2024, contando com a participação de sete estudantes regulares do programa. Observou-se que os temas abordados pelo vídeo “O Silêncio dos Homens”, apresentado durante as aulas de educação holística, ainda se fazem presentes no cotidiano dos participantes e nas escolas em que trabalham, por meio de falas e comportamentos que reforçam um padrão de masculinidade. Além disso, tais comportamentos também se fazem presentes no contexto familiar, sendo legitimados por figuras de referência nesses espaços e, com isso, corroborando práticas patriarcais e machistas.

Palavras-chave. Masculinidade; Educação; Relato de Experiência.

ABSTRACT

This research aims to report how masculine stereotypes are experienced within the educational context. The methodological approach was a qualitative study, based on a report of a pedagogical experience, in the course "Teaching Topics I: Holistic Education," part of the Professional Master's Program in Education at the Regional University of Cariri (URCA). The work is based on authors such as Hooks (2021), Gadotti (2011), Sousa, Godoi (2020), and Neres (2018). The course was offered as an optional course in the second semester of 2024, with the participation of seven regular students in the program. It was observed that the themes addressed in the video "The Silence of Men," shown during holistic education classes, are still present in the daily lives of the participants and in the schools where they work, through speech and behaviors that reinforce a standard of masculinity. Furthermore, such behaviors are also present in the family context, being legitimized by reference figures in these spaces and, therefore, corroborating patriarchal and sexist practices.

Keywords. Masculinity; Education; Experience Report.

1. INTRODUÇÃO

A formação docente contemporânea versa sobre diversas temáticas que compõem a complexidade dos educandos dentro do ambiente escolar. Ao se pensar em uma concepção holística de educação, apesar dos avanços, os debates sobre gênero ainda se mostram como um grande desafio, tendo em vista que a escola ainda produz e dissemina estereótipos ligados à masculinidade.

De acordo com o relatório “masculinidades e saúde na região das américas”, publicado pela organização mundial de saúde (OMS), a identidade masculina foi concebida através de expectativas, que muitas vezes acabam não sendo benéficas. Socialmente, é demandado do homem comportamentos dominantes nas relações sexuais com suas parceiras, que se tornem os responsáveis financeiros por suas famílias, evitar momentos de discussão sobre suas emoções e sentimentos, comportamentos que coloquem suas vidas em risco e a dificuldade em pedir ajuda, quando necessário (OMS, 2019).

Na região das Américas, é registrado o nascimento de mais meninos que meninas, mas, ao longo do tempo, a expectativa de vida masculina é 5,8% menor quando comparada a feminina. Homens acabam se tornando mais propensos a maiores taxas de acidentes de trânsito, homicídios, suicídios, vícios em álcool e outras drogas, além do surgimento de doenças crônicas. Algo que pode justificar a queda populacional é atribuída socialmente aos homens e que, em parte, contribuem para que estes tenham uma vida mais curta (OMS, 2019).

Nesse sentido, Hooks (2021) vem ressaltar que esses comportamentos e expectativas sobre a figura masculina também possuem grande influência em sua origem em decorrência da sociedade patriarcal:

O próprio conceito de “ser homem”, ser “homem de verdade”, deixa sempre subentendido que, quando necessário, homens podem cometer ações que quebrem as regras, que estejam acima da lei. O patriarcado nos diz diariamente, nos filmes, na televisão e nas revistas, que homens poderosos podem fazer o que bem entendem, que é essa liberdade que os torna homens. A mensagem dirigida aos homens é de que ser honesto é ser “mole”. A habilidade de ser desonesto e indiferente às consequências da desonestidade torna um homem “durão”, separa os homens dos meninos (hooks, 2021, p.71).

Para a autora, o patriarcado impõe aos homens e meninos que se reconheçam como superiores às mulheres e que, caso seja necessário, adotem todos os meios possíveis para se manterem nesse lugar, criando assim uma

concepção equivocada sobre si, uma autoimagem equivocada. Esse mascaramento acaba não apenas distanciando o homem de sua real identidade, mas também auxilia no processo de acobertamento de medos, vulnerabilidades e inseguranças, sendo uma importante estratégia para a manutenção do poder patriarcal (Hooks, 2021).

No ambiente educacional, Neres (2018) aponta que masculinidades e feminilidades são influenciadas pela escola, uma vez que este é um espaço performático de identidades. É na relação com outras crianças e no ambiente escolar que essas identidades vão sendo estabelecidas, sofrendo influência de padrões já existentes na sociedade, o que acabam sendo replicadas, muitas vezes, em padrões de gênero em seus currículos.

Sousa e Godoi (2020) elucidam que as questões de gênero estão presentes de maneira cotidiana no ambiente escolar em toda sua complexidade, principalmente nas questões identitárias, nos saberes, conhecimentos e nas relações de poder. Assim, um dos grandes desafios dos docentes é pensar em práticas pedagógicas que consigam trabalhar que abordem a temática em sala, bem como ações de conscientização das Secretarias Estaduais de Educação (SEDUC) do país.

Já Gadotti (2011), por sua vez, relata que cada vez mais a escola precisa estar atenta às demandas contemporâneas presentes na sociedade e aos impactos que tais discursos produzem na mente de crianças e adolescentes. Devido a isso, torna-se necessário a concepção de uma prática docente reflexiva, que busque dar sentido ao que está sendo questionado em sala de aula. É pelo ato da reflexão que o professor conseguirá instrumentalizar e possibilitar o exercício de sua profissão, que é a construção de sentidos para aquilo que vivenciamos no cotidiano.

Ao ensinar aos meninos desde jovens a esconder suas emoções, medos e sentimentos, reforçamos uma concepção de masculinidade patriarcal que, na pior das hipóteses, contribui para que essas crianças não aprendam a sentir e experimentar suas vivências subjetivas. Além disso, mesmo em famílias que possibilitem uma concepção de masculinidade que expresse suas emoções, nos demais espaços sociais, estas podem optar por um modelo patriarcal masculino por ser legitimada e aceita por figuras de autoridade em espaços educacionais,

durante brincadeiras com colegas, praticando esportes ou até mesmo assistindo televisão (Hooks, 2021).

Gadotti (2011) chama atenção para a prática do professor reflexivo, ao apontar que:

A reflexão deve, portanto, ser crítica. O professor não pode ser reduzido a isto ou àquilo. Seu saber profissional, de experiência feito, de reflexão, de pesquisa, de intervenção, deve ser visto numa certa totalidade e não reduzido a competências técnico-profissionais. Educar é também arte, ciência, práxis. Realçar o caráter reflexivo do que fazer educativo do professor pode ser relevante, na medida em que se contrapõe à corrente do pensamento pedagógico pragmatista e instrumental, mas pode ser limitativo, se esse caráter não for compreendido numa certa totalidade de saberes necessários à prática educativa (Gadotti, 2011, p.50).

Com isso, quando se propõe a entrar em uma sala de aula, o professor precisa estar preparado para trabalhar com conflitos e diferenças que se apresentam a este espaço. Muitas vezes, existe uma enorme discrepância entre o que é experienciado com seus alunos e o que é preconizado pelas orientações curriculares. Com isso, se faz necessário pensar em currículos que legitimem os movimentos sociais e que buscam a mudança e transformação da práxis educativa (Sousa; Godoi, 2020).

Profissionais com pouca ou nenhuma formação sobre as questões de gênero e sexualidade podem acabar contribuindo e legitimando práticas e discursos preconceituosos, estereotipados e discriminatórios. Com isso, se faz necessário ter orientações curriculares que favoreçam o debate sobre as presentes temáticas, desconstruindo dicotomias impostas a gêneros e padrões sexuais (Sousa, Godoi; 2020).

Para isso, em seu exercício docente, o professor precisa se questionar: o motivo de ensinar, para que faz isso, contra o que, e contra quem. O ato de ensinar não pode ser visto como neutro. O professor deve, então, ensinar a pensar, a questionar o que está exposto no mundo não apenas para compreender a realidade, mas para buscar formas de transformá-la (Gadotti, 2011).

Buscar formas de desconstruir o imaginário social sobre a identidade masculina e que, muitas vezes, é legitimada pela escola, acaba, sendo uma tarefa diária do professor. É necessário estar atento ao que produz, quais práticas curriculares corroboram ou não com o binarismo entre os gêneros, e não atribuir

estereótipos a comportamentos dos estudantes a ponto de que eles entendam que estas compõem a personalidade individual de cada sujeito. Entretanto, ao se pensar na superação dessa dicotomia e em formas de expressão masculinas não tóxicas é necessário um trabalho coletivo, onde, não apenas a escola, mas a família e a sociedade, também fomentem essa construção masculina tóxica (Neres, 2018).

Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo relatar como os estereótipos masculinos são vivenciados dentro do contexto educacional. Trata-se de um relato de experiência acerca do silenciamento dos homens em nossa sociedade, através da disciplina “Tópicos I: Educação Holística na formação docente”, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação (PMPEDU), da Universidade Regional do Cariri.

Além da introdução, o trabalho apresenta ainda a metodologia utilizada, sendo descrito o contexto em que a experiência foi vivenciada e seus participantes. Em seguida, são descritos os resultados e experiências propiciados pela disciplina e, por fim, as considerações finais. A seguir, apresenta-se a metodologia que orientou a construção do trabalho.

2. MÉTODO

O presente estudo constitui-se por meio de uma abordagem qualitativa, através de relato de experiência pedagógico. A pesquisa qualitativa é compreendida como uma forma de metodologia que se propõe a “incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (Minayo, 2007, p. 22-23).

Já o Relato de Experiência (RE), para Daltro e Faria (2019) se configura como um procedimento metodológico onde se valoriza a abordagem descritiva, interpretativa e compreensiva dos fenômenos estudados, em um recorte temporal, onde o pesquisador descreve o que foi vivido, suas aprendizagens e relações teórico-prática com a literatura.

O RE é uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória, em que o sujeito cognoscente

implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos de pesquisa ao longo de diferentes tempos. Isso posto, conjugará seu acervo associativo agindo processualmente, tanto em concomitância com o evento, como trazendo o produto processado pelas elaborações e em suas concatenações, e, finalmente, apresentará algumas das suas compreensões a respeito do vivido (Daltro; Faria, 2019, p. 223).

Com isto exposto, o presente relato de experiência pedagógico busca descrever as vivências proporcionadas pelos pesquisadores através da matéria de Tópicos do Ensino I: Educação Holística, vinculada ao programa Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Regional do Cariri (URCA). A disciplina foi ofertada de maneira optativa no segundo semestre de 2024, contando com a participação de sete estudantes regulares do programa.

Vale ressaltar que a pesquisa se configura como um relato de experiência pedagógico vivenciado pelos autores, em um contexto específico de formação docente, não se caracterizando como uma pesquisa empírica com os participantes. Os recortes de falas apresentados foram produzidos de maneira coletiva durante as aulas e foram tratadas de maneira anônima, estando assim dispensado da submissão de um Comitê de Ética e Pesquisa conforme preconizado na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Com base no percurso metodológico descrito, apresenta-se a seguir os resultados e discussões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A possibilidade de vivenciar a Educação Holística, no Mestrado Profissional em Educação, tornou-se um marco para a formação pessoal e profissional de todos os participantes. A disciplina foi estruturada de forma que alunos pudessem experimentar os princípios do modelo holístico de educação, sempre refletindo em como estes poderiam se fazer presentes no cotidiano e na formação docente. Dessa forma, visando uma imersão no presente modelo de educação, a disciplina foi composta por: exercícios respiratórios de *yoga*, construção de mandalas, aula de campo no espaço Ananda¹, atividade “caminhada do privilégio”², construção de escrituras³, discussões de textos e apresentação de vídeos.

¹ Centro de terapias naturais, localizado na Chapada Nacional do Araripe, na cidade de Crato-CE.

² Atividade em que os participantes podem subir ou descer degraus de uma escada, através da reflexão sobre seus privilégios na sociedade.

Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6 n.1, p. 1-12, 2025.

<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v6i1.8828>.

Partindo da concepção de que conteúdos midiáticos como músicas, filmes, documentários, podcast e vídeos podem auxiliar na transmissão de conhecimentos para o professor e o discente, durante a disciplina foi proposto o debate do TEDx Rua Portugal⁴ “Quebrando o silêncio: como os homens se transformam”, conduzido por Guilherme Valadares, disponibilizado pelo seguinte link do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=gw09QlQE7J4>.

Durante a exibição do TEDx, foram abordadas as seguintes temáticas: a dificuldade do homem em conhecer e gerenciar as próprias emoções, o desemprego e seus impactos na identidade e saúde mental masculina, a pressão social para que o homem seja sempre viril nas relações sexuais, a solidão e os padrões de masculinidade que são construídos pela sociedade, entre outros. Ao final do vídeo, foi aberto um momento de debates entre os participantes, para a compreensão de como os pontos abordados no vídeo poderiam ou não fazer parte do seu cotidiano e, conseqüentemente, de sua prática docente.

Durante o compartilhamento das vivências dos estudantes sobre as ideias apresentadas pelo vídeo, foram observadas experiências singulares, permeadas por um recorte histórico, cultural e social de cada participante. Entretanto, é válido ressaltar que, apesar das diferenças, foi possível compreender como a construção do “ser homem” em nossa sociedade afeta de maneiras diversas a mulheres e homens. Para uma melhor compreensão desses impactos, buscou-se categorizar algumas das falas e seus sentimentos, que ocorreram dentro e fora de sala de aula, apresentadas através do Quadro 1.

Quadro 1 – Vivências e sentimentos sobre masculinidade

Vivências	Sentimentos
“Sou homem e minha mãe não aceita ajuda nas atividades domésticas”	Indignação, vulnerabilidade
“Meu compadre ficou fazendo chacota porque tive uma filha mulher”	Tristeza, preconceito
“Ficam me pressionando para casar, com medo de não saber cuidar de uma casa ou de mim no futuro”	Preocupação, indefesa, temor

³ Termo criado pela autora Conceição Evaristo na busca de unir os verbos “escrever” e “viver”, onde se é relatado o que foi vivido e experienciado.

⁴ Programa sem fins lucrativos destinado a divulgação de ideias inspiradoras por meio de conferências.

“Meu pai só teve filhas e a gente fazia tudo em casa e na roça. Mas ele sempre reclamava que queria um filho homem para cuidar de tudo”	Frustração, tristeza
“Meu pai só come se minha mãe colocar a comida dele e, caso ela não coloque, ele fica calado”	Dependência, vulnerabilidade
“Ele prefere ficar doente e morrer que ir para um hospital”	Medo, vulnerabilidade
“Uma aluna me pediu dinheiro para comprar pílula do dia seguinte. Perguntei do parceiro dela, disse que ele nem ligou”	Preocupação, vulnerabilidade, choque
“Na escola, eles não querem brincar juntos. Dizem que tem brincadeira de meninas e meninos. Não pode se misturar”	Incômodo, aflição

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa, 2024.

Os registros descritos no Quadro 1 foram realizados durante o momento de compartilhamento das vivências nas aulas, bem como após a apresentação do TEDx. O registro de cada participante aconteceu de maneira coletiva, através do modelo de escrevivência, e sistematizados de forma que fosse preservado o anonimato dos participantes, descrevendo os sentidos produzidos em seus relatos, e não o que foi dito de maneira literal.

As experiências descritas demonstram que o enraizamento do patriarcado dentro da cultura familiar. Falas como: “Meu pai só teve filhas e a gente fazia tudo em casa e na roça. Mas ele sempre reclamava que queria um filho homem para cuidar de tudo” e “Sou homem e minha mãe não aceita ajuda nas atividades domésticas” evidenciam como a figura masculina ainda é vista dentro de uma esfera de superioridade.

Tais posicionamentos corroboram com o que Hooks (2021) discute sobre um “falso homem”. O patriarcado acaba impondo comportamentos que legitimam a figura masculina no papel de superioridade, afetando homens e mulheres ao reproduzirem esses papéis. Com isso, as vulnerabilidades, medos e angústias masculinas são colocadas de lado para que o “homem de verdade” apareça.

Falas como “Ele prefere ficar doente e morrer que ir para um hospital” reforçam o que é apontado no relatório sobre masculinidades, divulgado pela OMS (2019). O estereótipo masculino acaba sendo construído por meio de uma negação

do cuidado consigo e com o outro, impactando diretamente na expectativa de vida masculina.

Já na fala “Ficam me pressionando para casar, com medo de não saber cuidar de uma casa ou de mim no futuro” e “Uma aluna me pediu dinheiro para comprar pílula do dia seguinte. Perguntei do parceiro dela, disse que ele nem ligou”, expressam ainda que a esfera do cuidado e do afeto acabam sendo delegadas a figura feminina onde, para que o homem consiga cuidar de si, obrigatoriamente precisaria de uma figura feminina, reforçando ainda os papéis tidos como tradicionais de gênero.

No relato “Na escola, eles não querem brincar juntos. Dizem que tem brincadeira de meninas e meninos. Não pode se misturar” acaba reforçando a ideia de que a masculinidade tóxica pode ser legitimada no ambiente escolar. Aponta que essas práticas podem se fazer presentes em práticas pedagógicas realizadas pelos professores, mas também podem se fazer presentes por meio de discursos e nas brincadeiras realizadas pelos estudantes (Neres, 2018).

Mesmo reproduzindo estereótipos sobre a masculinidade, conforme aponto Gadotti (2011), a escola também é um espaço de transformação social e de práticas reflexivas. Assim, ao lidar com demandas contemporâneas, todos os agentes que compõem esse espaço, precisam ficar atentos aos impactos negativos que a reprodução dessas práticas pode acarretar para o estudante. O professor, ao possibilitar a criticidade do estudante, acaba criando caminhos para que estes reflitam sobre os sentidos atribuídos ao que chega na escola e, consequentemente, ao que é visto no contexto social em que estão inseridos.

Ao final do compartilhamento de vivências pelo grupo, foi destacado o quanto os estereótipos masculinos estão presentes no cotidiano dos participantes ao longo de suas vidas e, consequentemente, na educação. Assim, criar momentos em que homens e meninos possam apresentar suas dificuldades, vulnerabilidades e medos é urgente. Entretanto, essa transformação deve acontecer não apenas em espaços escolares, mas ser pensada em um nível estrutural da nossa sociedade, possibilitando, assim, novas formas de conceber a masculinidade. As discussões apresentadas nos resultados da pesquisa levantam reflexões sobre a prática docente, que serão retomadas nas considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo sobre masculinidade, na disciplina de educação holística, foi possível identificar que a existência de estereótipos ligados a masculinidade, rigidez na divisão de atividades domésticas e ausência de cuidados com a saúde, ainda se fazem presentes no ambiente educacional e familiar. As falas demonstram, ainda, como a manutenção de uma identidade masculina invulnerável acaba afetando estudantes e professores dentro e fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, o estudo contribuiu para indagar as práticas docentes, o currículo escolar e o papel do professor na desconstrução de uma masculinidade silenciada e tóxica. Com isso, é necessário que o docente se questione sobre seu papel no ato de educar e quais práticas tem feito para propor a construção de novas masculinidades e com isso romper estereótipos presentes na sociedade.

Sua prática precisa ser crítica e ir ao encontro da transformação social, possibilitando momentos dialógicos, troca de experiências e acolhimento entre os sujeitos, possibilitando que estes se tornem mais empáticos, afetivos e comprometidos com igualdade de gênero em nossa sociedade.

Como limitações da pesquisa, percebe-se que o estudo foi realizado em um grupo específico na pós-graduação *stricto sensu*, o que faz com que os resultados não possam ser generalizados. Para estudos futuros, sugere-se pesquisas em outros níveis educacionais, além de envolver outros sujeitos que fazem parte do processo educacional como gestores escolares e a família, sobre como a masculinidade pode ser construída na escola.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016**. Conselho Nacional de Saúde. Brasília (DF), 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso: 14 out. 2025.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. Psicol**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n1/v19n1a13.pdf>. Acesso: 02 de mar. de 2024.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. 2. ed, São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. 1. ed, São Paulo: Elefante, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed, São Paulo: Hucitec, 2007.

NERES, Edilene de Araújo. A produção da masculinidade no ensino fundamental. In: ENCONTRO D@S ESTUDANTES DE PEDAGOGIA, 2018, Cametá. **Anais eletrônicos [...]**. Belém: EXEPEPe, 2018. p. 69-78. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14544>. Acesso em: 06 de jul. de 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **OMS: masculinidade tóxica influencia saúde e expectativa de vida dos homens nas Américas**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/84625-oms-masculinidade-t%C3%B3xica-influencia-sa%C3%BAde-e-expectativa-de-vida-dos-homens-nas-am%C3%A9ricas>. Acesso: 03 de jul. de 2024.

SOUSA, Kaique Alves de; GODOI, Evilen. Caminhos para combater a masculinidade tóxica no espaço escolar In: III Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres e Pré ABEH, 2020, Cáceres. **Anais [...]** Cáceres, 2020. v. 3, p.1-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Kaique-Alves-De-Sousa/publication/348891819_CAMINHOS_PARA_COMBATER_A_MASCULINIDADE_TOXICA_NO_ESPACO_ESCOLAR/links/6026eb7aa6fdcc37a82193d1/CAMINHOS-PARA-COMBATER-A-MASCULINIDADE-TOXICA-NO-ESPACO-ESCOLAR.pdf. Acesso: 03 de jul. de 2024.

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Graduado em Psicologia pela Unileão. Especialista em Saúde Mental e Gestão de Negócios, Inovação e Consumo. Mestre em Educação.

Autor 2. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Geografia - PROP GEO-UECE. Pós - Doutora pela Universidade Estadual do Ceará -UECE. Professora Adjunta do departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri-URCA.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

COELHO, I. P.; NASCIMENTO, C. M. T. do . Masculinidade e Educação: um relato de experiência. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2025. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v6i1.8828.

Submetido em: 30/09/2025

Revisões requeridas em: 15/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025